

180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

HIPERINFORMAÇÃO, DESINFORMAÇÃO E INFOXICAÇÃO: O ENSINO DA REPORTAGEM NA ERA DA CRISE DE CREDIBILIDADE

Rodrigo Pelegrini Ratier¹, rpratier@casperlibero.edu.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o lugar do ensino da reportagem, entendida com técnica e gênero, no atual contexto de crise de credibilidade do jornalismo. Reconhecendo a emergência de fenômenos sociais como a hiperinformação, a desinformação e a infoxicação, justifica-se a importância de problematizar o atual panorama midiático, propiciando a reflexão sobre as possibilidades de atuação do jornalismo profissional. Nesse sentido, apresenta-se a reportagem como uma alternativa fértil para a investigação aprofundada e humanizada, o debate plural e o a garantia social da veracidade, diferenciando-se, assim, num ecossistema de informações pouco críveis.

PALAVRAS-CHAVE

Reportagem. Ensino do jornalismo. Desinformação. Fake news. Credibilidade.

1. INTRODUÇÃO

Pressões comerciais, corrida por audiência, tensões ideológicas, profissionalidade questionada. Num certo sentido, a história do jornalismo é uma história de crises, variando apenas os motivos a colocar em xeque contínuo a profissão. A mais recente delas, porém, assume contornos dramáticos. Abalos causados pela disseminação, no ecossistema informacional, de relatos enviesados, sensacionalistas, descontextualizados, fraudulentos ou simplesmente falsos – agrupados, no debate público, sob a imprecisa denominação de *fake news* –, jogaram à lona a credibilidade do jornalismo².

¹ Biografia resumida do autor. E-mail do autor

² Tendo o público norte-americano como objeto, o survey de Young (2016, p. 28-29), aponta que o enviesamento e a falta de precisão são os principais fatores para o ceticismo em relação a determinados veículos de informação.



18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Em nível global, o Barometro Edelman 2019 (EDELMAN, 2019) mostra uma ligeira recuperação da credibilidade da mídia (de 44% para 47% entre 2018 e 2019). Mas é um nível baixo em relação às outras instituições avaliadas: governo (47% de confiança), empresas (56%) e ONGs (56%). No Brasil, a confiança na mídia é uma das mais baixas entre os 26 mercados pesquisados: 41%, queda de 13 pontos percentuais num intervalo de 3 anos.

A mesma pesquisa mostra, ainda, um enorme crescimento dos chamados usuários “amplificadores”, de alto engajamento com a informação, que consomem notícia pelo menos toda semana e que compartilham ou postam conteúdo diversas vezes por mês ou mais (EDELMAN, 2019, p. 51). Entre 2018 e 2019, o Barômetro registrou uma subida de 20 pontos percentuais (de 38% para 58%) nessa categoria entre os brasileiros.

É também crescente a importância dos novos *players* – jornalísticos ou não – como fontes de informação para as audiências, sobretudo as mais jovens. Analisando os chamados *millenials* (população entre 19 e 34 anos) no cenário norte-americano, Young (2015) mostra que sete em cada 10 usuários do Facebook clica e lê regularmente conteúdo noticioso. Seis em cada 10 curte o conteúdo, 42% posta ou compartilha notícias regularmente e 34% têm o hábito de comentar. Apenas 11% dos usuários não relata nenhum desses comportamentos (YOUNG, 2015, p. 26).

Vivencia-se, assim, um contexto de hiperinformação (ROMERO-RODRIGUEZ *et al.*, 2018). Segundo o monitor Internet Live Stats³, a web conta com 1,7 bilhões de sites e 4,1 bilhões de internautas. Todos potenciais produtores de informação, uma vez que quem consome também curte, comenta ou publica sua própria visão sobre fatos – ocorrência sintetizado pelo futurista Alvin Tofler com o neologismo *prosumer* (no inglês, *prosumer*).

³ <http://www.internetlivestats.com/>



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Considere-se, ainda, as campanhas sistemáticas de determinados atores políticos para descredibilizar a mídia tradicional. Avaliando os tuítes do presidente americano Donald Trump, Ross e Rivers (2018) apontam um uso retórico de expressões como *fake news* e *fake media*. Segundo os pesquisadores, Trump as utiliza como tentativa de desacreditar os relatos negativos e, ao mesmo tempo, posicionar-se como a única fonte confiável de informação. Seria uma estratégia de deflexão (responsabilização de outros por suas próprias culpas), uma vez que Trump pode ser classificado como distribuidor em série de desinformação (ROSS; RIVERS, 2018, p. 2).

As fronteiras entre o jornalismo profissional e outras formas de veiculação de informações evanesceram. Se a hiperinformação ajuda a contextualizar a situação no polo da produção, outro neologismo, infoxicação, auxilia a entender o contexto da recepção. A expressão de Romero-Rodriguez *et al.* (2018) é uma junção das palavras intoxicação e informação. Diante de um ecossistema informacional repleto de desinformação – na acepção de Fallis (2015, p. 401), “informação imprecisa que tem a intenção de enganar” –, estaríamos infoxicados, alimentados por informação de baixa qualidade para a construção de visões de mundo e a tomada de decisões cotidianas.

A situação estabelece desafios para o ensino de jornalismo. As radicais transformações exigem uma adaptação didático-curricular: o que e como auxiliar os futuros jornalistas a entender o novo contexto de produção/disseminação/recepção de notícias? Quais competências “clássicas” da profissão merecem ser reforçadas – e quais devem ser deixadas em segundo plano? Que novas habilidades podem ser adicionadas? A partir de quais referências, teóricas e práticas, seria possível iniciar um diálogo renovado sobre a práxis da profissão?

O presente artigo defende a importância da renovação do ensino da reportagem como um dos caminhos para a superação da presente crise jornalística. Por suas características de profundidade e vivacidade, o gênero se



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

afigura como uma alternativa capaz de “descolar” a produção jornalística de um ecossistema informacional poluído, em que as pessoas estão intoxicadas de informação. As reflexões aqui contidas se alimentam da experiência deste pesquisador como professor da disciplina [nome suprimido para *peer review*], ministrada às turmas de 2º ano da graduação em jornalismo da [nome da instituição suprimido para *peer review*]. Em termos conceituais, soma-se à bibliografia tradicional para o ensino da disciplina os *insights* de Tom Rosenstiel e Martin Baron, renomados jornalistas que nos oferecem teorizações sobre a prática como alternativas que vêm ao encontro do avanço da atuação profissional.

2. O ENSINO DA REPORTAGEM

Em sua lista de competências gerais, cognitivas e pragmáticas, as *Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Jornalismo* (MEC/CNE, 2013) mencionam diversos aspectos relacionados ao ensino da reportagem. É possível contextualizá-la em termos históricos, levando a “conhecer a história, os fundamentos e os cânones profissionais do jornalismo”, discuti-la enquanto técnica, auxiliando o domínio de “metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição”, e apresenta-la como gênero, levando o educando a “conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos”. A visão holística, assim, propicia o reconhecimento da importância, inerente à profissão, de uma produção que vise “o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade” (MEC/CNE, 2013, online).

2.1. A reportagem na história

A bibliografia consagrada ajuda a marcar a importância da reportagem na substituição de paradigmas do texto jornalístico. Lage (2001, p. 9) situa o discurso retórico, usado para a exaltação do Estado ou da Igreja, como marco



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

fundante do jornalismo no século 17. Com a narrativa em segundo plano, empregada apenas para o registro de eventos fictícios ou alegóricos, predominava um tom parecido ao dos discursos e proclamações. Do jornalista se esperavam orientações ou interpretações, ficando a linguagem dominante entre “a fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso” (LAGE, 2001, p. 11).

A Revolução Industrial e a universalização da escolarização na Europa e nos Estados Unidos do século 19 ampliaram o público leitor em potencial. Para se aproximar de uma cultura de matriz popular, o estilo jornalístico foi se modificando, abandonando progressivamente uma retórica grandiloquente em favor de um estilo mais objetivo. Lage (2001) enxerga um duplo papel para o jornalismo de então: educador e sensacionalista, de um lado ensinava às pessoas o que ler, ver e como se vestir; de outro, carregava nas tintas da emoção para cobrir a nascente sociedade do espetáculo, exibindo os bons e – “para escândalo geral” – os maus hábitos dos ricos e poderosos. “A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser” (LAGE, 2001, p. 15).

A passagem para o século 20 trouxe a reação contra o jornalismo sensacionalista ou “amarelo”. A criação dos primeiros cursos de jornalismo apresentou a pesquisa acadêmica como padrão para o estabelecimento de boas práticas de apuração e escrita. Em lugar de proclamas ou relatos quasificcionalis, uma profissionalização nascente estabelecia que a informação jornalística

deveria reproduzir os dados obtidos com as fontes; que os testemunhos de um fato deveriam ser confrontados uns com os outros para que se obtivesse a versão mais próxima possível da realidade (...); que a relação com as fontes deveria basear-se apenas na troca de informações, e que seria necessário, nos casos controversos, ouvir porta-vozes dos diferentes interesses em jogo”. (LAGE, 2001, p. 19)



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Em termos de linguagem, a notícia como gênero ganha sua modelagem moderna, com a valorização dos aspectos mais relevantes de um relato sublinhados por construtos como o lide (resumo das circunstâncias do fato relatado) e a pirâmide invertida (maior detalhamento para as características tidas como essenciais ao texto). “Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística” (LAGE, 2001, p. 19).

2.2. A reportagem como técnica

A reportagem como técnica desenvolve-se como um conjunto de procedimentos de apuração, aferição e depuração dos fatos que serão transformados em relatos jornalísticos. O mais intuitivo deles – e, possivelmente, menos sistematizado – é o **testemunho**. Num registro mais pragmático, Clóvis Rossi (prefácio a DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990) define reportagem como a técnica de contar boas histórias e o repórter como “certamente a única função pela qual vale a pena ser jornalista” (prefácio a DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 9). Exaltando Audálio Dantas – “um jornalista do tempo em que se praticava a arte de sujar os sapatos” –, Moraes (prefácio a DANTAS, 2012, p. 13) defende a relevância da apuração presencial “em uma época como a nossa, em que páginas e páginas de jornais são preenchidas diariamente com reportagens feitas por telefone ou por e-mail, sem que o autor saiba se o entrevistado é gordo ou magro, branco ou preto, feio ou bonito”. Rossi se une à celebração da “rua” – entendida, segundo o autor, em sentido amplo –, afirmando que é nela que ocorre a história, nunca na redação de um jornal (DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 9).

Conforme Lage (2001), a presença *in loco* é “a melhor forma de ordenação das informações e de sua hierarquização, uma vez que o repórter sente o *clima* do que acontece, compreendendo como as pessoas reais envolvidas nos acontecimentos percebem, se envolvem e reagem ao desenrolar



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

dos fatos” (LAGE, 2001, p. 27, *itálico no original*). É possível, porém, superar descrições genéricas e algo romantizadas, que dão ao educando a impressão do testemunho como atividade quase a-procedimental. Recorrendo à teorização da práxis jornalística, Baccega (2000) nos lembra que o repórter é a primeira mediação entre o fato e o relato. O caráter subjetivo da experiência de “testemunha ocular da história” não deve obliterar a busca pela objetividade possível, como defendem diversos manuais (Manual, 2001). A função social da profissão também merece ser destacada nesse contexto. “[O repórter] tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”. (LAGE, 2001, p. 23)

Ao lado do testemunho, o trabalho de **pesquisa** em fontes documentais deve ser apresentado às turmas como um dos pontos de partida da apuração jornalística. Num certo sentido, o “reverso da rua” é, na realidade, seu complemento indispensável. Segundo Lage (2001), um bom trabalho de pesquisa permite selecionar boas fontes primárias, preparar-se adequadamente para a interação com elas e definir os melhores enfoques para o texto final. “Embora reze a máxima de que reportagem se faz na rua, um bom texto final nasce geralmente de um trabalho detalhado de pesquisa longe do teatro dos acontecimentos” (LAGE, 2001, p. 66).

Chega-se, enfim, ao terceiro procedimento de apuração, a **entrevista**, cujo uso na construção de reportagens comporta especificidades que devem ser exploradas com os educandos. Cabe mostrar a relevância de, como diz Lage (2001, p. 57), qualificar-se como interlocutor válido – que partilha de um repertório comum com o entrevistado e se posta diante dele como um profissional da informação, não como subordinado ou inquisidor.

A necessidade de aprofundamento da reportagem exige que se vá além dessa postura padrão. A contribuição incontornável de Medina (1986) aborda a transformação da entrevista em diálogo. Distinguindo em tipologia o diálogo de



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

outros tipos de entrevistas – denominadas de entrevista-rito e entrevista anedótica –, Medina afirma que o diálogo vai além da técnica. Sua intenção não é espetacularizar o indivíduo, mas compreendê-lo, por meio de um processo em que entrevistador e entrevistado colaboram para trazer à tona uma verdade sobre sua biografia ou sobre um tema relevante:

Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o diálogo possível.” (MEDINA, 1986, p. 7)

Entendimento semelhante é encontrado em Agnès (2008). Em seu *Manuel de Journalisme*, a entrevista perfeita é conceituada como aquela em que o entrevistador permite ao entrevistado ir mais longe em sua análise, no aprofundamento de sua opinião, em seu olhar sobre si mesmo (AGNÈS, 2008, p. 278). Brum (2017) ressalta a importância da escuta, atribuindo ao “saber escutar” um valor superior ao “saber perguntar” (BRUM, 2017, p. 36). Ao celebrar o imprevisível do encontro entre repórter e entrevistado, posiciona-se contra a entrevista-ritual:

Escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam. Escutar é não induzir as pessoas a dizer o que gostaríamos que dissessem. A reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo novo que não planejávamos. É pela escuta que vem o novo (BRUM, 2017, p. 35)

2.3. A reportagem como gênero

Aos olhos de um aspirante a jornalista, o que diferencia uma reportagem de uma notícia ou de um artigo de opinião? Segundo Marques de Melo *et al.* (2012, p. 83), muitos leitores, alguns autores e até profissionais optam por uma indissociação típica do senso comum, identificando qualquer unidade textual pela nomenclatura “artigo”. O recurso à noção de gênero



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

jornalístico evita o simplismo. No campo da pesquisa, há uma clivagem no entendimento do conceito. De uma perspectiva que classifica os tipos de texto conforme suas propriedades linguísticas, Chaparro (2008, p. 122) define gênero como a existência de uma essência comum entre espécies de textos (o que pressupõe, por decorrência lógica, a oposição entre gêneros – o comentário e o relato). Optando por um agrupamento orientado pela função do texto na relação imprensa/leitor, Marques de Melo (2010, p. 35) define gênero como unidades de mensagem determinadas pela estrutura composicional e traços de estilo, que se desdobram em unidades menores chamadas formatos.

Entendida como gênero ou um de seus derivados, a reportagem pode receber diversas definições. Na acepção poética de Brum (2017, p. 14), é documento da história cotidiana, vida contada, testemunho. Na brevidade pragmática do *Manual do Estilo da Folha de S. Paulo*, reportagem é um tipo de gênero jornalístico que “traz informações mais detalhadas sobre notícias, interpretando os fatos; é assinada quando tem informação exclusiva ou se destaca pelo estilo ou pela análise.” (MANUAL, 2001, p. 71-72).

Num registro mais acadêmico, as incontornáveis classificações de Marques de Melo (1994) e de Chaparro (2008) reservam à reportagem posicionamentos distintos em suas tipologias. Marques de Melo insere o gênero na área de jornalismo informativo (opondo-se ao jornalismo de opinião), sendo mais complexo que seus congêneres nota e notícia. Define-a como “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (Marques de Melo, 1994, p. 66). Para Chaparro (2008), gênero seria a reportagem seria uma “espécie narrativa” dentro do gênero relato (que se opõe ao gênero comentário), sendo definida como “o relato jornalístico que expande a notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla a atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência” (Chaparro, 2008, p. 125).



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Recorrendo ao dicionário *Petit Robert*, Agnès (2008, p. 256) define reportagem como texto ou conjunto de textos em que um jornalista relata de maneira viva o que viu e ouviu. O autor se detém na parte final da definição dicionáresca para marcar a diferença do gênero reportagem com o gênero notícia. “Relato” significa que a reportagem reconta o concreto, os fatos, os lugares, as cenas, os propósitos e motivações; “de maneira viva” opõe-se ao tratamento estrito da informação: a reportagem deve fazer viver uma realidade; “o que viu” pois o olho é a primeira ferramenta de um repórter, por meio da qual ele põe em cena o que testemunhou; por fim, “o que ouviu” porque traz as pessoas que vivem a realidade – o que eles sabem, o que pensam, o que veem pode ser até mais importante do que a situação da qual eles participam.

A esta altura, afigura-se oportuno desfazer um mal-entendido comum entre os educandos, que não raro entendem reportagem como sinônimo de jornalismo literário. O chamado à superação das noções estruturantes da notícia, como lead e pirâmide invertida, pode soar como um convite à utilização de técnicas literárias para o relato da realidade. Com efeito, o novo jornalismo dos anos 1960 apontou nesse caminho, na esteira da constatação de que a objetividade que se persegue não pode ser atingida por inteiro (LAGE, 2001, p. 140).

Embora o uso de recursos estilísticos como descrições físicas e psicológicas, construção cena a cena, detalhamento da ação, diálogos etc. seja bem-vindo para cativar o público leitor, cabe questionar a relação do jornalismo com a literatura. O compromisso inquebrantável com a não-ficção aponta como “padrão ouro” a precisão dos relatos. Lage ressalta que “a consistência extrema que se espera da literatura implica dispor de dados subjetivos, por definição não alcançáveis pela observação direta” (LAGE, 2001, p. 141). Recursos como o monólogo interior ou a estruturação de uma reportagem como um romance de três atos, por exemplo, podem ser problematizados à luz dessas constatações.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

3. POSSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS PARA O ENSINO DA REPORTAGEM

Do exame canônico da reportagem na história, como técnica e como gênero emerge a reiteração de suas potencialidades. A **profundidade** e a **vivacidade** ou humanização afiguram-se como distinções vantajosas, potenciais aliadas na tarefa de recuperar a relevância e a credibilidade do discurso jornalístico contemporâneo.

O cenário de infoxicação é marcado pela indissociação entre a informação de qualidade e a desinformação. Designando os receptores como analfanautas (junção de internautas e analfabetos), Romero-Rodriguez *et al.* (2018, p. 76) afirmam que as audiências não estão em condições de separar o joio do trigo, sendo vítimas propiciatórias do fenômeno da infoxicação – ao mesmo tempo que são os maiores atingidos, são também impulsionadores do fenômeno, uma vez que consomem, por vezes, com avidez, conteúdos de baixa qualidade:

Nace así era de la “infoxicación” em la que se le da a la audiência el contenido que ésta desea – generalmente de infoentretenimiento – com el fin de assegurar cuotas de publicidade, a la vez que los próprios receptores son incapaces de realizar um correcto filtrado de las informaciones, aceptando como ciertas aquellas que incluso son contrarias a outras que ya han aceptado como verdadeiras. Parece entonces que hemos llegado a comprender que la desinformación es una situación estructural del ecosistema mediático y que las audiências, paradójicamente, emergen como víctimas propiciatórias de este fenómeno.⁴ (ROMERO-RODRIGUEZ et al., p. 74-75)

Se concordarmos com o caráter estrutural da infoxicação, é forçoso reconhecer que muitos educandos podem estar imersos nessa lógica. Considerando ainda a contribuição de Young (2015) de que *millenials* têm nas redes sociais importantes fontes de informação – e que as mesmas estão no

⁴ Tradução do autor: nasce assim a era da infoxicação, na qual a audiência recebe o conteúdo que deseja – geralmente de infoentretenimento – a fim de garantir cotas de publicidade, ao mesmo tempo em que os próprios destinatários são incapazes de realizar uma filtragem correta de informação, aceitando como certas aquelas que são até contrárias a outras que já aceitaram como verdadeiras. Parece então que chegamos a compreender que a desinformação é uma situação estrutural do ecossistema midiático e que as audiências, paradoxalmente, emergem como vítimas propiciatórias desse fenômeno.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

centro do fenômeno da infoxicação –, é oportuno trabalhar competências voltadas à alfabetização midiática, fortalecendo, conforme as *Diretrizes...*, a competência de “distinguir entre o verdadeiro e o falso a partir de um sistema de referências éticas e profissionais” (MEC/CNE, 2013). Um trabalho na criação de dietas informacionais saudáveis⁵ pode ser feito, por exemplo, com a reflexão sobre o uso consciente das redes sociais. Ressaltam-se dois pontos: os benefícios dos tempos de desconexão, afastando-se do imediatismo interpretativo que Romero-Rodríguez *et al.* (2018) identificam como ingrediente da infoxicação, e a curadoria de *timelines* das redes, por meio de recursos como “ver primeiro” no Facebook, e a criação de listas de interesse no Twitter, privilegiando informação confiável e focada nos interesses pessoais ou profissionais de cada educando.

Técnica e gênero podem também ser refinados por um duplo caminho de retorno aos cânones e de atualizações da práxis para dar conta do novo cenário. As contribuições de dois profissionais de destaque, Martin Baron e Tom Rosenstiel, iluminam recomendações nesses dois sentidos.

Jornalista multipremiado, Baron é, provavelmente, a figura de maior destaque no universo do jornalismo norte-americano contemporâneo. Retratado no filme *Spotlight* (2015) como chefe da cobertura que revelou um escândalo de pedofilia na Igreja Católica de Boston, Baron dirige hoje o *Washington Post*. Sua gestão tem sido marcada pela defesa do jornalismo profissional e pela aposta de que o o jornalismo “honesto e justo” vai ser validado socialmente no longo prazo. Já Rosenstiel tem uma trajetória de 30 anos como crítico do *Los Angeles Times*. Coautor do clássico *Elementos do Jornalismo* (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004) e ocupando a direção executiva do American Press Institute, têm dedicado parte de suas reflexões a investigar caminhos para que a imprensa possa enfrentar a crise de credibilidade dos últimos anos.

⁵ Conceito proposto por Clay Johnson, no livro *The Information Diet*, para designar o consumo consciente de informações (Johnson, 2015).



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

É dele o alerta que os jornalistas precisam entender que o novo contexto informacional, marcado pela ascensão das *fake news* e pela concorrência com outros tipos de informação, muitas dos quais são não-jornalísticos, é estrutural e não episódico. Nesse cenário, fazer um bom trabalho é apenas o primeiro passo numa sequência de desafios:

The challenges before repertorial journalism today—fake news, misinformation, confirmation bias, manipulative political leaders—are not problems you fix and then forget like a leaky pipe. They are conditions with which you contend perpetually, like crime. And such conditions require constant change and evolution.”⁶ (ROSENSTIEL, 2016, online).

De Baron vem a sugestão de “volta ao básico”, identificando notícia, opinião e análise para que os leitores possam entender a diferença. Considerando que parte da desinformação deriva de incompreensão da audiência (TANDOC JR *et al.*, 2018), trata-se de uma medida de letramento midiático, implementada pelo Washington Post na internet, com a possibilidade de hipertexto apresentando a definição de cada uma das classificações. Rosenstiel apresenta opinião semelhante. Enfocando as situações mais comuns de consumo midiático na atualidade, o autor afirma:

Inside our mobile streams, as we click through related links, news stories and opinion stories are mixed. And on social platforms, all content is combined. Journalists need to help readers make these distinctions, not give up on them because they are not as clean cut as they once were”⁷ (ROSENSTIEL, 2016, online)

⁶ Tradução do autor: “Os desafios atuais do jornalismo repertorial – notícias falsas, desinformação, viés de confirmação, líderes políticos manipuladores - não são problemas que você conserta e depois esquece, como reparar um cano furado. São condições com as quais você luta perpetuamente, como o crime. E tais condições exigem mudança e evolução constante”.

⁷ Tradução do autor: “Dentro dos nossos fluxos em smartphones, quando clicamos em links relacionados, notícias e opinião são misturadas. E nas plataformas sociais, todo o conteúdo é combinado. Os jornalistas precisam ajudar os leitores a fazer essas distinções, e não desistir deles porque eles não são tão ‘limpinhos’ quanto antes.”



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Do ponto de vista dos educandos, tal enfoque ressalta que, embora todos os gêneros sejam compostos por unidades de informação e opinião (CHAPARRO, 2008), a finalidade discursiva de cada um deles deve ser respeitada. A reportagem, como se sabe, pertence à área do relato, na classificação de Chaparro (2008) ou do jornalismo informativo, conforme Marques de Melo (1994).

A renovação da técnica merece ser contemplada desde o processo de seleção de pautas e enquadramentos. Tendo como pano de fundo o governo Trump e seu comportamento de tuiteiro atávico, Rosenstiel (2016) convida os jornalistas a cobrir o que é importante, em vez de “latir para qualquer carro”. O jornalismo como cão-de-guarda (*watchdog*) necessita de foco, e as estratégias discursivas diversionistas ou de deflexão levadas a cabo por Donald Trump (Ross e Rivers, 2018) prejudicam os trabalhos de investigação e vigilância do poder. Nesses casos, Rosenstiel aconselha, é mais importante prestar atenção ao que os governantes fazem do que ao que eles dizem (ROSENSTIEL, 2016, online).

Nesse aspecto, é válido abordar as restrições existentes, no contexto brasileiro, para o acesso a documentos públicos, que podem prejudicar o andamento de trabalho de reportagens investigativas ou interpretativas. A regulamentação da Lei de Acesso à Informação (LAI) torna-se, assim, uma atualização necessária aos programas de ensino de reportagem. Procedimentos básicos, como o texto da lei, tutoriais para a realização de pedidos, acompanhamentos de requisições e redação de recursos no caso de pedidos negados surgem como competências relevantes à formação dos futuros jornalistas brasileiros⁸.

Em termos de marcas estilísticas – entramos, portanto, no terreno dos observáveis da reportagem como gênero –, Rosenstiel (2016) reivindica uma

⁸ O portal governamental <http://www.acessoainformacao.gov.br/> e o site de jornalismo de dados <http://www.fiquemsabendo.com.br/> são pontos de partida recomendáveis para um trabalho introdutório com a LAI.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

“diminuição de tom”. A estridência e a agressividade observada em boa parte da produção jornalística contemporânea, diz ele, é contraproducente: pode levar ao aumento da desconfiança do público, que alimentará suspeitas de enviesamento do noticiário, e corroborar a retórica de determinados políticos que classificam a mídia como oposição. Ilustrando a ideia com uma metáfora, o autor afirma: “The way to elevate factual reporting is to build the facts into a self-evident citadel that cannot be assaulted, not to adorn the citadel with flagrant slogans”⁹ (ROSENSTIEL, 2016, online).

Outra requisição que a contemporaneidade faz à reportagem como gênero diz respeito aos reenquadramentos possíveis de formato. Ao receber o Prêmio Gabriel Garcia Márquez de jornalismo, Baron (2016) afirma que relatos longos podem atrair leitores, mas que é preciso explorar a escrita e outros formatos levando em conta as formas como as pessoas consomem informação hoje. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, Baron explica que a conceituação nasceu de um aprendizado pessoal:

[Ao chegar ao Washington Post, em 2012], vi que os jornalistas que estavam trabalhando mais com as plataformas digitais estavam tendo mais êxito em atrair os leitores do que os tradicionais. E passei a estudar o que faziam melhor. Sua narrativa era outra, seu modo de apresentar as histórias, seu estilo, seus títulos eram diferentes. (COLOMBO, 2016, online).

Para o autor, “novas e poderosas” ferramentas podem ser exploradas sobretudo pela nova geração de jornalistas, “verdadeiros nativos digitais”, para encontrar “caminhos altamente efetivos para contar histórias”. Nesse sentido, Rosenstiel (2016) sugere a adição de quadros-resumo com os elementos fundamentais da reportagem: qual a novidade? Quais as evidências? Quem são as fontes? E assim por diante.

⁹ Tradução do autor: “A maneira de elevar a reportagem factual é construir os fatos em uma cidadela auto-evidente que não pode ser atacada, não para adornar a cidadela com slogans flagrantes”.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Finalmente, há um feixe de transformações aponta para a imbricação entre técnica e gênero. Forma e conteúdo constituiriam um todo renovado, referenciado ética, por meio da substituição da ideia de objetividade pela de transparência, para Rosenstiel (2016), e de honestidade e honra para Baron (LAKSHMANAN, 2017). Enquanto Baron advoga pela diminuição da onisciência em favor de um relato mais pessoal e humilde, Rosenstiel sugere revelar ao leitor o “esqueleto” da reportagem: o que se descobriu, como se descobriu e o que falta descobrir. Baron propõe algo semelhante ao propor links para documentos originais, entrevistas em áudio e outros registros de apuração à disposição do leitor (LAKSHMANAN, 2017)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar as *Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Jornalismo*, a comissão de especialistas encarregada do documento previu, entre as competências gerais, atributos que apontavam para o futuro da profissão: “pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos” e “procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais” são exemplos (MEC/CNE, 2013). O que não poderiam prever, como provavelmente ninguém pudessem, é que os desafios a superar fossem da natureza e da magnitude hoje apresentados.

Em crise aguda de credibilidade, o jornalismo exige de seus atuais e futuros profissionais inventividade para combater a hiperinformação, a desinformação e a infociação. Por meio do enfoque no ensino da reportagem, buscou-se apontar caminhos de como a formação em jornalismo pode se desenvolver para estar à altura da tarefa. Procurou-se evidenciar como uma mescla de retomada aos saberes canônicos e de inovações em termos procedimentais e estilísticos auxilia a diferenciar a reportagem enquanto gênero dentro de um ecossistema informativo de baixa qualidade. Potente por suas características procedimentais e por suas marcas de gênero, a reportagem



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

renovada para o século 21 se apresenta como uma alternativa no sentido de reconduzir, progressivamente, o discurso jornalístico a seu mandato social de “ser os ouvidos e os olhos do público”.

REFERÊNCIAS

- AGNÈS, Y. **Manuel de journalisme: écrire pour le journal**. La Découverte, 2008.
- BACCEGA, M. A. Mediação Organizativa: O Campo da Produção. **Comunicação & Educação**, n. 17, p. 7-16, 2000.
- BARON, M. Speech by Martin Baron, editor to The Washington Post. Gabriel García Márquez Journalism Award, 2016. Disponível em: < <https://premioggm.org/2017/03/speech-by-martin-baron-editor-to-the-washington-post/> >. Acesso em: 11 de março.
- BRUM, E. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2017.
- CHAPARRO, M. C. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2008.
- COLOMBO, S. **As pessoas esperam que as notícias venham até elas, diz editor do 'Washington Post'**. Folha de S. Paulo 2016.
- DANTAS, A. **Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Leya, 2012.
- DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- EDELMAN. 2019 Edelman Trust Barometer. 2019. Disponível em: < [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2019-03/2019 Edelman Trust Barometer Global Report.pdf?utm_source=website&utm_medium=global_report&utm_campaign=downloads](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2019-03/2019%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Global%20Report.pdf?utm_source=website&utm_medium=global_report&utm_campaign=downloads) >. Acesso em: 11 de março.
- FALLIS, D. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.
- JOHNSON, C. A. **The information diet: A case for conscious consumption**. Sebastopol: O'Reilly Media, 2015.
- KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber eo público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAKSHMANAN, I. A. R. **Marty Baron: Fair and honest reporting 'will be validated over the long run'**. Poynter Institute 2017.



180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

- MANUAL. **Manual da Redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MARQUES DE MELO, J. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F.; LAURINDO, R. **Gêneros Jornalísticos - Teoria e Práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.
- MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. D. **Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: UESP**, 2010.
- MEC; CNE. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013 - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências., Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 11 de março.
- MEDINA, C. D. A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- ROMERO-RODRIGUEZ, L.; DE-CASAS, P.; PEDREIRA, M. Desinformación e Infoxicação en las cuartas pantallas. In: (Ed.). **Competencias mediáticas en medios digitales emergentes**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2018 p.73-92.
- ROSENSTIEL, T. What the post-Trump debate over journalism gets wrong. Brookings.edu, 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/what-the-debate-over-journalism-post-trump-gets-wrong/>>. Acesso em: 11 de março.
- ROSS, A. S.; RIVERS, D. J. Discursive Deflection: Accusation of "Fake News" and the Spread of Mis-and Disinformation in the Tweets of President Trump. **Social Media+ Society**, v. 4, n. 2, p. 12, 2018.
- TANDOC JR, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining "fake news" A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.
- YOUNG, E. How Millennials Get News: Inside the Habits of Americas First Digital Generation. Arlington, 2015. Disponível em: <[http://www.mediainsight.org/PDFs/Millennials/Millennials% 20Report% 20FINAL.pdf](http://www.mediainsight.org/PDFs/Millennials/Millennials%20Report%20FINAL.pdf)>. Acesso em: 11 de março.

